

## Charge: convite à reflexão

Clarissa Gabbi Falleiro<sup>©</sup>

### Abstract<sup>©</sup>

*This article aims to show the charge as an important tool in the process to build the reflective meaning concerning Brazilian social problems.*

### Resumo

O presente trabalho visa a apresentar a charge como um instrumento motivador do debate social.

As discussões de cunho político e econômico envolvendo a sociedade brasileira são freqüentemente representadas na produção humorística nacional, através de crônicas, charges, artigos, programas de rádio e televisão, websites, chistes e anedotas. Dentre essas várias formas de manifestações humorísticas, destaca-se a relevância da charge, tendo em vista sua ocorrência diária nos mais importantes jornais do Brasil, apresentando-se como um instrumento motivador do debate social, pois explora a comicidade através da imagem gráfica, de leitura rápida, deixando insinuações implícitas e provocando diferentes interpretações.

Os temas sociais reproduzidos pela charge vão desde fatos históricos, como os processos de descobrimento e colonização do Brasil, até as discussões políticas atuais, como denúncias de corrupção e a polêmica em torno do valor do salário mínimo. Considerando a importância dessa última para a economia brasileira, procurou-se realizar um estudo que contemple os aspectos da evolução do salário mínimo no Brasil. O objetivo deste estudo é considerar as diferentes interpretações e representações propostas pelas charges, buscando identificar traços de comportamento que caracterizam o povo brasileiro.

O salário mínimo foi instituído no Brasil em 1940 pelo governo Getúlio Vargas e conservado pela

Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943. Tratava-se de um "salário vital", pois deveria ser determinado pelo valor das despesas diárias com alimentação, vestuário, transporte e higiene. Seu valor deveria variar de acordo com a região ou subzona, observando as necessidades básicas de sobrevivência nos diferentes Estados brasileiros.

Essa intenção de fazer do salário mínimo uma renda mensal suficiente para garantir uma boa qualidade de vida ao trabalhador persistiu nos governos seguintes, estando, inclusive, firmada na Constituição Brasileira de 1988<sup>1</sup>:

*Artigo 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:*

*IV – salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim.*

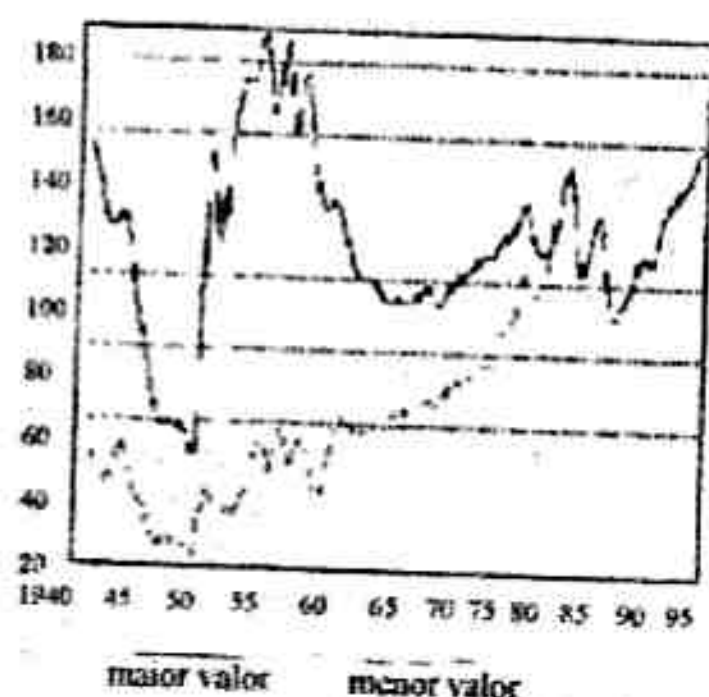
A partir dessas referências e ainda sem se fazer relação direta entre o salário mínimo e o humor, já é claro o vínculo entre os dois, dada a não concretização dos direitos garantidos em lei quando transportados para a realidade brasileira. Sabe-se que, há muito tempo, o salário mínimo não é suficiente para proporcionar uma vida digna aos cidadãos trabalhadores. E a declaração presente no artigo 7º da Constituição de 1988 é apenas mais pretensiosa que os direitos previstos em 1943. Ambas as declarações estão isentas de teor humorístico, e tampouco é sua intenção provocar o riso. No entanto, é compreensível a reação do "riso", tendo em vista a imensa disparidade entre a teoria e a prática.

Para que se possa ter uma idéia mais ampla da condição econômica do Brasil nos últimos 60 anos e

<sup>©</sup> Acadêmica do curso de Letras, bolsista PIBIC/CNPq 2000/01, orientada pela professora Ana Marilza Bittencourt – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas/CAL/UFSM.

<sup>1</sup> Constituição: República Federativa do Brasil. Senado Federal, 1988.

para ilustrar a desvalorização que o salário mínimo vem sofrendo, observe-se as informações presentes no gráfico abaixo<sup>2</sup>:



O contexto histórico deve ser considerado, a fim de que se compreenda o que esses valores significam em diferentes períodos. Vale lembrar que as informações que seguem não pretendem apresentar um estudo sócio-econômico, e sim fornecer subsídios que facilitem a leitura.

O período que vai de 1940 a 1945 mostra um certo equilíbrio, observando-se pequenas variações de valor. Este é o momento de solidificação da política trabalhista de Getúlio Vargas, com a criação de leis que garantiam os direitos dos trabalhadores urbanos. Aos trabalhadores rurais, no entanto, nenhuma garantia foi prevista em lei, o que manteve a estrutura fundiária inalterada, mantendo a exploração dos trabalhadores e pequenos produtores. De 1945 a 1950 há um declínio considerável, resultado da recessão causada pelo pós-guerra. Até 1964 o gráfico mostra um crescimento no valor do salário, mas que não se reflete na realidade do povo. Marcadas pela política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, as administrações beneficiavam a burguesia e a classe média alta dominantes, aumentando as diferenças entre ricos e pobres. O valor do salário é razoável, porém o custo de vida torna-se muito alto, agravando a situação das periferias e gerando maior dependência do capital externo. A partir desse momento, instaura-se no Brasil a ditadura militar. Os índices econômicos são manipulados pelo governo e a concentração de renda entre a classe dominante fica maior. Os valores do mínimo são estáveis, mas isso não garante estabilidade financeira aos trabalhadores, pois as taxas de inflação são altíssimas, restringindo cada vez mais seu poder de compra. A partir da década de 80 as tentativas de valorização mostram-se ineficazes, chegando a

extremos, como o Plano Collor, em 1991, que promoveu um congelamento de preços e salários, visando à redução dos índices de inflação. Em 1993 é anunciado o Plano Real, visando à estabilização econômica do país. A inflação é mantida em níveis relativamente baixos, mas a situação econômica continua se agravando.

De 1994 até o primeiro semestre de 2001, os valores do salário variaram entre R\$ 135,00 e R\$ 180,00 - estimativas insuficientes para suprir as exigências do sistema social brasileiro.

Apesar dessa grande desvalorização, o salário mínimo ainda tem importância fundamental em nossa economia e continua afetando um contingente expressivo de trabalhadores. Segundo índices da Fundação Getúlio Vargas, um total de 28 milhões de pessoas recebe um salário mínimo por mês. Desses, 15 milhões estão trabalhando (2% são funcionários públicos e 98% estão na iniciativa privada) e equivalem a 20% de todas as pessoas empregadas; 13 milhões são aposentados e equivalem a 59% do total de aposentados<sup>3</sup>.

Todos esses dados e estatísticas mostram de maneira resumida como é problemática a situação atual do trabalhador assalariado e buscam adicionar informações que facilitem a compreensão das charges que abordam esse assunto, constantemente problematizado nos últimos anos. Mas o que motiva as pessoas a produzir tanto humor a partir de uma situação tão grave e séria como a do salário mínimo brasileiro?

Sigmund Freud, em seu livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, afirma que o que leva uma pessoa a produzir chistes ou piadas sobre si mesma é a dificuldade de aceitar críticas, agressividades e situações adversas na medida em que estas sejam diretas, amenizando-as através dos caminhos tortuosos da comicidade.<sup>4</sup> Da mesma forma, pode-se concluir que fazer humor a respeito das dificuldades enfrentadas em função de um salário mínimo insuficiente é uma maneira de naturalizar a situação. No caso das charges, que historicamente possuem uma forte carga de ironia e comprometimento com o debate social, a intenção primeira é posicionar-se em defesa do trabalhador. Contudo, não deixa de estar fortemente marcada nessas charges a referência ao caráter passivo do povo diante dos obstáculos que se opõem ao seu processo de crescimento econômico na sociedade.

<sup>2</sup> Fonte: DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos.

<sup>3</sup> Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

A charge abaixo<sup>5</sup>, produzida em 1978, mostra essa perplexidade do trabalhador perante uma condição consciente de inferioridade:



O impacto visual, causado pela desproporcionalidade entre os tamanhos das pedras que representam o salário mínimo e o custo de vida, é fundamental para reforçar a posição de inferioridade do trabalhador assalariado perante um custo de vida que está a ponto de “esmagá-lo”. A expressão do personagem da charge, suportando como pode uma pressão que é maior que sua capacidade de reação, mostra todo seu desânimo: cabisbaixo, postura curvada e olhar perdido, esboçando um sorriso constrangido – traços típicos a quem se encontra em uma situação desesperadora, sem saída, e que tem consciência disso. O uso de pedras para ilustrar a relação de subordinação presente na charge é bastante significativo. Pedra remete a solidez, força, resistência. Quando se tem alguém tentando enfrentar uma verdadeira rocha com o auxílio de uma “pedrinha”, intensifica-se ainda mais a idéia de qualquer esforço será em vão, cedo ou tarde o maior/mais forte vai desabar sobre o menor/mais fraco. Note-se a inscrição na pedra menor: “Novo Mínimo”. A pedrinha, portanto, já foi menor, e mesmo com seu tamanho reforçado continua incapaz de promover qualquer alteração na vida do trabalhador, sendo suficiente apenas para sobreviver.

A segunda charge<sup>6</sup> explora o conformismo de modo diferente.

#### AMORIM



Novamente tem-se a figura do trabalhador, também cabisbaixo e demonstrando vergonha ao comunicar à família que naquele mês o salário foi suficiente apenas para o “piso”, mostrando o material utilizado para revestir o chão da casa. Essa é uma referência clara ao piso salarial, ou seja, o menor salário concedido a determinadas classes trabalhadoras. A polissemia da palavra piso é o que sustenta a intenção da charge. A única posse que o piso salarial garante é o piso da casa do trabalhador, e ele e sua família precisam de muito mais – paredes, móveis, teto; um salário maior, que não seja “piso”. A presença da família agrava a situação. O trabalhador, nessa charge é, provavelmente, a única fonte de renda, pois se tem a figura da mulher segurando uma vassoura, podendo-se presumir que se trata de uma dona de casa. O fato de estarem todos à espera do trabalhador explicita uma expectativa: a família aguarda ansiosa por algo melhor, mas que não vem. Ao contrário, o que o pai/marido traz é um pedido de desculpas, já que não pôde corresponder às necessidades de seus familiares.

A terceira charge<sup>7</sup> traz outra maneira de enfrentar (ou não) a situação:

#### MARCO AURÉLIO



<sup>5</sup> RONALDO. *Humor de Sete Cabeças*. Porto Alegre: Sulbrasileiro, 1978.

<sup>6</sup> FONTE: AMORIM, *Jornal Correio do Povo*, 05 de maio de 2000.

<sup>7</sup> MARCO AURÉLIO, *Jornal Zero Hora*, 24 de março de 2000.

Nessa charge, a figura do trabalhador, caracterizada pelo uso de um capacete de construção civil, demonstra "bom humor" quando se refere ao salário mínimo. Reafirma-se, portanto, a teoria de Freud<sup>6</sup>: o problema torna-se mais aceitável se tratado com bom humor. Mais grave que o conformismo, há aqui uma espécie de despreocupação, demonstrada tanto pela expressão do trabalhador quanto pela referência a uma marca de cachaça. O uso do slogan que identifica a marca, "Uma boa idéia", pode ser interpretado de duas maneiras. Primeiramente como menção direta à bebida, como se para enfrentar um salário de R\$ 151,00 fosse necessário recorrer ao álcool. Mas também é permitida outra interpretação para o slogan, significando realmente uma boa idéia – para sobreviver com esse salário, só mesmo com muita imaginação e boas idéias. Em ambas possibilidades, está presente o "jeitinho brasileiro", maneira peculiar de tentar resolver os problemas da forma mais fácil, que exige menos esforço.

A análise das três charges foi pautada sob o aspecto da conformidade demonstrada pelo trabalhador diante dos problemas decorrentes do salário mínimo. Em todas elas tem-se expresso o descontentamento com a situação, mas em nenhuma há qualquer tentativa de mudança ou demonstração de indignação. Ao contrário, todas mostram figuras conformadas, incapazes de iniciar uma reação, ou pelo menos questionar os responsáveis e debater esse problema. A charge representa a situação como ela é, exagerando para produzir humor, mas sem criar comportamentos e atitudes que não correspondem à realidade. Essa tem sido, há muito tempo, a conduta do brasileiro: conformar-se com as dificuldades que lhe são impostas.

Ao explorar essa característica do povo, a charge pretende despertar uma discussão – o brasileiro de hoje é fruto de uma história marcada pelo autoritarismo, começando com a escravidão, passando pela ditadura militar e chegando a uma estrutura política que não permite qualquer alteração nas condições de vida da população.

Defende-se aqui, portanto, o papel da charge como motivador do debate social, sendo sua função bem mais ampla que a de proporcionar divertimento. Sua compreensão pede uma leitura profunda, que permita perceber o que está por trás do riso: um convite à reflexão, um alerta bem-humorado que deseja atrapalhar o descanso da conformada nação brasileira.

## Referências bibliográficas

- ADAIL e outros. *Antologia brasileira de humor 1*. Porto Alegre: L&PM editores, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Antologia brasileira de humor 2*. Porto Alegre. L&PM editores, 1976.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. FGV, 1999.
- BOSI, A. *Cultura Brasileira*. Temas e situações. São Paulo: Ática, 1992.
- CHAVES, Juca. *A culpa é do governo: a verdadeira história política do país em música, verso e prosa*. São Paulo: Maltese, 1993.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura e imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua: análise lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
- RONALDO. *Humor de Sete Cabeças*. Porto Alegre: Sulbrasileiro, 1978.

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1969.